



SUBSTITUTOS DO LEITE MATERNO: ALTERNATIVAS DISPONÍVEIS DIANTE DAS DIFICULDADES MATERNAIS

 <https://doi.org/10.56238/levv16n48-106>

Data de submissão: 30/04/2025

Data de publicação: 30/05/2025

Hélio Almeida Sousa Filho

Graduando em Enfermagem

Mestre em Gestão em Cuidados de Saúde2 (MUST University)

E-mail: 64@faculdadesantaluzia.edu.br

Valdiana Gomes Rolim Albuquerque

Coordenadora e Docente do curso de Enfermagem da Faculdade Santa Luzia

E-mail: vgrrolim@gmail.com

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0006-3204-4480>

RESUMO

Este estudo aborda as alternativas ao aleitamento materno, focando nas razões pelas quais algumas mães optam por não amamentar, seja por questões físicas, emocionais, médicas ou socioeconômicas. A pesquisa destaca que, apesar dos comprovados benefícios do leite materno, existem alternativas seguras, como fórmulas infantis e bancos de leite humano, que podem atender às necessidades nutricionais e de desenvolvimento dos bebês. A metodologia adotada foi bibliográfica, exploratória e descritiva, com a análise de 39 artigos científicos sobre o tema. Os resultados sugerem que, além das alternativas nutricionais, o apoio de profissionais de saúde e políticas públicas eficazes são fundamentais para ajudar as mães a tomarem decisões informadas e seguras sobre a alimentação infantil. O estudo conclui que, embora o aleitamento materno seja a melhor opção, é crucial reconhecer e apoiar as escolhas das mães, garantindo que todas as famílias tenham acesso a soluções adequadas e saudáveis.

Palavras-chave: Aleitamento materno. Alternativas alimentares. Fórmulas infantis. Bancos de leite humano. Apoio à amamentação.



1 INTRODUÇÃO

O aleitamento materno é amplamente reconhecido como a forma ideal de alimentação para recém-nascidos, sendo essencial para o crescimento e desenvolvimento saudável das crianças. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o leite materno fornece uma nutrição completa e oferece benefícios imunológicos importantes para os bebês (OMS, 2021), o leite materno fornece nutrição completa e oferece benefícios imunológicos significativos para os . Além disso, a amamentação fortalece o vínculo emocional entre mãe e filho, promovendo o desenvolvimento emocional e psicológico da criança. No entanto, nem todas as mães conseguem ou desejam amamentar, seja por motivos físicos, emocionais, médicos ou socioeconômicos. Nesse contexto, é fundamental explorar alternativas ao aleitamento materno que possam atender às necessidades nutricionais e de desenvolvimento dos recém-nascidos.

Apesar de a amamentação ser considerada um dos pilares da saúde infantil, proporcionando os nutrientes essenciais para o desenvolvimento adequado dos recém-nascidos. No entanto, diversas dificuldades enfrentadas pelas mães podem comprometer a continuidade desse processo, como problemas físicos, emocionais e sociais. Quando o aleitamento materno não é possível, os substitutos do leite materno surgem como uma alternativa. A história do uso desses substitutos remonta ao século XVIII, quando médicos começaram a recomendar o leite de vaca como uma opção devido a observações sobre a composição nutricional do leite humano e as limitações do aleitamento em determinadas condições (REA, 1990).

Atualmente, os substitutos do leite materno, como as fórmulas infantis, estão amplamente disponíveis e são frequentemente a escolha das mães que enfrentam dificuldades com a amamentação. No entanto, essa escolha não está isenta de controvérsias. Pesquisas indicam que, embora as fórmulas representam um avanço em relação ao leite de vaca, elas não oferecem as mesmas propriedades imunológicas do leite materno e podem apresentar riscos para a saúde da criança, como alergias e problemas de digestão (DIAS *et al.*, 2022). Além disso, fatores socioculturais e econômicos influenciam a decisão das mães, muitas vezes exacerbando o uso de substitutos devido à falta de apoio adequado e de orientações sobre a amamentação (SARUBBI JR. *et al.*, 2017)

Este estudo busca analisar as alternativas ao aleitamento materno, visando compreender as escolhas das mães e as condições que as levam a optar por substitutos. A questão central da pesquisa é: "Como as alternativas ao aleitamento materno podem atender às necessidades nutricionais e de desenvolvimento dos recém-nascidos quando as mães não desejam ou não conseguem amamentar?" A hipótese proposta é que, ao explorar as diversas alternativas, é possível identificar opções que forneçam uma nutrição adequada e promovam o desenvolvimento saudável dos recém-nascidos, mesmo quando a amamentação não é viável. Portanto, a pesquisa busca analisar as alternativas ao leite materno, suas implicações na saúde infantil e materna, e os fatores que influenciam as escolhas das



mães.

O objetivo geral deste estudo é analisar as alternativas aos substitutos do leite materno, como fórmulas infantis, bancos de leite humano e métodos de alimentação com leite doado, e compreender seu impacto na saúde e no desenvolvimento infantil. Os objetivos específicos incluem identificar as diferentes alternativas ao aleitamento materno, investigar os fatores que levam as mães a optarem por essas alternativas, e analisar as estratégias para profissionais de saúde e políticas públicas que apoiam e orientam as mães na escolha e utilização dessas opções.

A justificativa para esta pesquisa é a necessidade de fornecer informações precisas e baseadas em evidências sobre as alternativas ao aleitamento materno, assegurando que os recém-nascidos recebam a nutrição necessária para um desenvolvimento saudável, mesmo quando a amamentação não é uma opção viável. Compreender essas alternativas é fundamental não apenas para a saúde dos bebês, mas também para apoiar as mães em suas escolhas, promovendo o bem-estar materno e infantil. Além disso, é fundamental que políticas públicas e profissionais de saúde desempenhem um papel ativo no apoio à alimentação infantil, garantindo que as mães recebam o suporte adequado para a decisão sobre a alimentação de seus filhos.

Embora o aleitamento materno seja amplamente defendido por suas inúmeras vantagens, algumas mães enfrentam dificuldades, como questões físicas (dificuldades na pega ou produção insuficiente de leite), condições médicas (como a depressão pós-parto ou doenças que contraindicam a amamentação) e barreiras socioeconômicas. Em casos específicos, como mães que vivem com HIV, a amamentação pode ser desaconselhada, tornando ainda mais relevante a busca por alternativas seguras e eficazes. Instituições como a American Academy of Pediatrics e o Ministério da Saúde do Brasil destacam a importância de alternativas como a fórmula infantil e os bancos de leite humano, que, embora não consigam replicar todos os benefícios do leite materno, oferece nutrição essencial para os bebês em situações específicas.

Portanto, ao explorar as alternativas ao aleitamento materno e compreender os fatores que influenciam a decisão das mães, este estudo visa contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas e práticas profissionais mais eficazes, que apoiam as mães na escolha de alternativas adequadas à alimentação de seus filhos, sempre com o objetivo de garantir a saúde e o bem-estar infantil.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa seguiu uma abordagem rigorosa e sistemática, com o objetivo de analisar as alternativas ao aleitamento materno, explorando os fatores que influenciam a escolha das mães por essas alternativas e avaliando seu impacto no desenvolvimento e na saúde infantil.



Este estudo foi de natureza bibliográfica, exploratória e descritiva. A pesquisa bibliográfica foi empregada para reunir e analisar os estudos existentes sobre alternativas ao aleitamento materno, com foco nas opções mais utilizadas, como fórmulas infantis e bancos de leite humano. A abordagem exploratória permitiu compreender as lacunas existentes nas pesquisas sobre o tema, enquanto a natureza descritiva proporcionou uma análise detalhada das alternativas disponíveis e dos fatores associados às escolhas maternas.

A amostra foi composta por uma seleção criteriosa de estudos e publicações científicas, de modo a garantir a relevância e qualidade das fontes.

A análise dos dados coletados foi qualitativa, com foco em identificar e categorizar as alternativas mais relevantes ao aleitamento materno, bem como os fatores que influenciam as escolhas das mães. A análise de conteúdo foi a técnica utilizada, permitindo identificar padrões, temas recorrentes e variações nas alternativas alimentares discutidas nos artigos selecionados.

A partir da realização de uma leitura mais criteriosa foram escolhidos os artigos que mais se relacionavam ao tema proposto, sendo as informações de importância para este estudo inserida no trabalho, onde foi dado início à análise e interpretação do conteúdo.

A seleção dos artigos realizou-se em três etapas: primeiro lidos todos os títulos e selecionados aqueles que atendiam os critérios de inclusão e exclusão:

Durante a coleta de dados, foram encontrados 148 artigos no total. Desses, 35 artigos fugiram do tema central da pesquisa, sendo considerados irrelevantes para o foco do estudo. Além disso, 33 artigos estavam repetidos, o que resultou em um número menor de fontes únicas. 12 artigos não estavam disponíveis para download, impossibilitando sua análise. Outros 29 artigos não possuíam tradução para a língua portuguesa, o que também limitou sua inclusão na análise. Como resultado, restaram 39 artigos que foram analisados de maneira aprofundada, uma vez que atenderam aos critérios de relevância, qualidade e disponibilidade.

Esses 39 artigos selecionados passaram por uma análise detalhada, permitindo a identificação das alternativas mais relevantes ao aleitamento materno e a compreensão dos fatores que influenciam as escolhas das mães, além de contribuir com informações valiosas para a avaliação do impacto dessas alternativas na saúde e no desenvolvimento infantil.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O aleitamento materno é amplamente reconhecido como a forma ideal de alimentação para lactentes, promovendo benefícios nutricionais, imunológicos e afetivos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2021), o leite materno deve ser exclusivo até os seis meses de idade e complementar até os dois anos ou mais, por ser completo em nutrientes e oferecer proteção contra doenças comuns na infância.

O aleitamento materno é uma prática de extrema importância para a saúde e o desenvolvimento dos bebês. Como mencionado na página oficial da Organização Mundial da Saúde (OMS), "o leite materno é o alimento ideal para o crescimento e desenvolvimento saudável dos lactentes". Destaca a qualidade nutricional única do leite materno, fornecendo todos os nutrientes essenciais que um bebê precisa nos primeiros meses de vida, ajudando a fortalecer seu sistema imunológico e prevenindo uma série de doenças.

A partir da realização de uma leitura mais criteriosa foram escolhidos os artigos que mais se relacionavam ao tema proposto, sendo as informações de importância para este estudo inserida no trabalho, onde foi dado início à análise e interpretação do conteúdo.

A seleção dos artigos realizou-se em três etapas: primeiro lidos todos os títulos e selecionados aqueles que tinham relação com a temática; logo após, analisados os resumos dos artigos selecionados na primeira etapa e escolhidos para leitura do artigo na íntegra aqueles relacionados com a questão norteadora do estudo; e para finalizar, realizada a seleção dos estudos primários, de acordo com a questão norteadora e os critérios de inclusão previamente definidos.

Tabela 1 - Distribuição dos artigos segundo ano de publicação, base de dados e modelo para publicação eletrônica

Autores/Ano	Título do Periódico	Objetivos	Resultados	Considerações
ALVES, J. M. <i>et al.</i> (2020)	Fatores que influenciam o vínculo mãe-bebê no período pós-natal.	Identificar fatores que influenciam o vínculo mãe-bebê no período pós-natal.	Destacou-se a importância do apoio emocional e da presença materna constante para fortalecer o vínculo.	Reforça a necessidade de estratégias que promovam a proximidade mãe-bebê no pós-parto.
BOCCOLINI, C. S. <i>et al.</i> (2017)	Influência do apoio social no aleitamento materno exclusivo.	Avaliar a influência do apoio social no aleitamento materno exclusivo.	O apoio social foi associado positivamente à prática do aleitamento materno exclusivo.	Sugere políticas públicas que incentivem redes de apoio às lactantes.
BRITO, A. A.; OLIVEIRA, M. I. (2020)	Vínculo mãe-bebê e aleitamento materno: aspectos afetivos.	Analizar aspectos afetivos do vínculo mãe-bebê e sua relação com o aleitamento materno.	O vínculo afetivo fortalece a prática do aleitamento materno.	Destaca a importância do suporte emocional às mães durante a amamentação.
CARRIJO, M. L. <i>et al.</i> (2015)	Motivos do desmame precoce: um estudo em unidades básicas de saúde.	Investigar os motivos do desmame precoce em unidades básicas de saúde.	Os principais motivos incluem retorno ao trabalho e dificuldades na amamentação.	Necessidade de suporte contínuo às mães para prevenir o desmame precoce.
HIRANO, A. R.; BAGGIO, M. A.; FERRARI, R. A. P.(2021)	Amamentação, alimentação complementar e segurança alimentar e nutricional em uma região de fronteira.	Analizar práticas de amamentação, alimentação complementar e segurança alimentar em região de fronteira.	Identificou-se que práticas inadequadas de alimentação complementar e segurança alimentar comprometem a saúde infantil.	Recomenda-se ações intersetoriais para promover práticas alimentares saudáveis e segurança alimentar.

MARQUES, C. C. D. G.; ROCHA, N. V. (2019)	O enfermeiro frente a sua autonomia profissional intervindo para maior adesão ao aleitamento materno.	Discutir a autonomia profissional do enfermeiro na promoção do aleitamento materno.	Enfermeiros com maior autonomia promovem melhor adesão ao aleitamento.	Enfatiza o empoderamento dos enfermeiros na promoção da amamentação.
OLIVEIRA, A. S. (2020)	O papel do enfermeiro no apoio à amamentação: uma revisão integrativa.	Revisar o papel do enfermeiro no apoio à amamentação.	Enfermeiros desempenham papel crucial no suporte à amamentação.	Sugere capacitação contínua dos enfermeiros para melhor apoio às lactantes.
OLIVEIRA, C. R.; COSTA, M. A. (2020)	Abordagem multidisciplinar no cuidado materno-infantil: o papel do enfermeiro na equipe de saúde.	Abordar o papel do enfermeiro na equipe de saúde no cuidado materno-infantil.	Atuação multidisciplinar para melhorar os cuidados materno-infantis.	Destaca a integração da enfermagem nas equipes de saúde para melhor assistência.
SANTOS, M. R.; LIMA, L. S. (2019)	Orientações sobre aleitamento materno: a atuação do enfermeiro na promoção da saúde.	Orientar sobre o aleitamento materno e a atuação do enfermeiro na promoção da saúde.	Ações educativas do enfermeiro promovem o aleitamento materno.	Reforça a importância da educação em saúde realizada por enfermeiros.
SILVA, J. (2018)	O impacto do aleitamento materno no desenvolvimento emocional da criança.	Avaliar o impacto do aleitamento materno no desenvolvimento emocional da criança.	O aleitamento materno contribui positivamente para o desenvolvimento emocional.	Sugere que a amamentação fortalece o vínculo emocional mãe-filho.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Os resumos encontrados foram lidos, e aqueles que atenderam aos critérios de inclusão foram selecionados. Após selecionar artigos, respeitando os critérios de inclusão e exclusão, o recorte temporal e a disponibilidade online, 10 artigos restaram.

A organização dos dados dos artigos foi realizada, após as leituras analítica e sintética.

Além de sua composição ideal, o leite materno contém anticorpos, enzimas digestivas e hormônios que favorecem o desenvolvimento neuropsicomotor do bebê (VICTORA *et al.*, 2016). O ato de amamentar também está diretamente relacionado à redução do risco de mortalidade infantil, conforme demonstrado em estudo de Rollins *et al.* (2016), publicado na *The Lancet*, que estima que o aumento das taxas de amamentação poderia evitar mais de 800 mil mortes infantis por ano.

O vínculo emocional proporcionado pela amamentação também é relevante. Segundo Brito e Oliveira (2020), o contato pele a pele e o olhar da mãe durante a amamentação estimulam a liberação de ocitocina, o que fortalece o vínculo afetivo entre mãe e filho e promove sensação de bem-estar para ambos.

No entanto, é fundamental reconhecer as dificuldades que muitas mulheres enfrentam ao tentar amamentar. Estudo de Vieira (2021) aponta que as principais dificuldades relatadas por mães brasileiras incluem dor mamar, fissuras, mastite e insegurança quanto à produção de leite.

A importância do aleitamento materno vai além dos benefícios nutricionais, estendendo-se ao estabelecimento do vínculo emocional entre mãe e filho. Estudos conduzidos por especialistas em pediatria, como o Dr. João Silva (2018), destacam que o contato físico e o olhar nos olhos durante a amamentação promovem uma conexão profunda entre a mãe e o bebê, contribuindo para o desenvolvimento emocional saudável da criança.

Sendo assim, é importante reconhecer que nem todas as mães encontram facilidade no processo de amamentação. Como observado em relatos de mães compartilhados em fóruns online de apoio à amamentação, muitas enfrentam desafios como dificuldades na pega, produção insuficiente de leite e desconforto durante a amamentação (SANTOS; LIMA, 2019, p. 36). Nesses casos, é fundamental buscar apoio e orientação de profissionais de saúde capacitados, bem como de grupos de apoio à amamentação, para superar esses obstáculos e garantir uma experiência de amamentação positiva tanto para a mãe quanto para o bebê.

Diante dessas dificuldades, a atuação da equipe de saúde é essencial. Segundo Silva (2022), a intervenção precoce de profissionais de enfermagem na identificação e manejo das dificuldades com a pega e produção de leite está associada à maior taxa de sucesso na manutenção do aleitamento materno.

Tabela 2 - Principais dificuldades relatadas por lactantes e respectivas orientações clínicas

Dificuldade	Prevalência (%)	Intervenção sugerida
Fissuras mamilares	48%	Correção da pega, uso de lanolina
Mastite	22%	Ordenha, analgésicos e antibióticos, se necessário
Produção insuficiente de leite	35%	Estímulo frequente da mama, hidratação, suporte
Desinformação e insegurança	30%	Aconselhamento pré-natal e pós-parto

Fonte: Adaptado de Vieira (2021) e Ministério da Saúde (2021).

Além das causas físicas, aspectos emocionais e sociais influenciam significativamente o desmame precoce. A depressão pós-parto, por exemplo, é um fator que pode comprometer o vínculo com o bebê e a continuidade da amamentação. Segundo estudo da Fiocruz (2019), cerca de 26% das puérperas brasileiras apresentam sintomas de depressão pós-parto, o que impacta diretamente na amamentação.

A ausência de apoio social e profissional também contribui. De acordo com Boccolini *et al.* (2017), mulheres que recebem apoio do parceiro, familiares e profissionais de saúde têm maiores chances de amamentar exclusivamente até os seis meses.

A decisão por não amamentar também pode ser influenciada por fatores pessoais, culturais e pela necessidade de retorno ao trabalho. Estudo de Carrijo *et al.* (2015) destaca que muitas mães



abandonam a amamentação por não encontrarem locais adequados para extração e armazenamento do leite no ambiente profissional.

Ao considerar os diversos aspectos que envolvem a prática do aleitamento materno, é essencial compreender os motivos pelos quais algumas mães podem enfrentar desafios ou optar por não amamentar. Diversos fatores, como questões físicas, de saúde, emocionais, socioeconômicas e pessoais, podem influenciar essa decisão (MACHADO, *et al.*, 2021, p. 102).

A análise desses motivos permite uma abordagem mais abrangente e “empática em relação às experiências individuais das mães, ajudando a fornecer o suporte necessário para garantir o bem-estar tanto da mãe quanto do bebê” (OLIVEIRA, *et al.*, 2020, p. 29).

Para algumas mães, desafios físicos como problemas de produção de leite insuficiente ou mamilos planos podem dificultar a amamentação. Conforme destacado pelo Instituto Nacional de Saúde Infantil e Desenvolvimento Humano Eunice Kennedy Shriver, “dificuldades físicas, como mamilos planos ou invertidos, podem dificultar a amamentação para algumas mulheres” (NICHD, 2016).

Certas condições médicas podem impedir ou desaconselhar a amamentação. De acordo com a American Academy of Pediatrics, “mães que vivem com HIV não devem amamentar seus bebês” (LAMPE *et. al.*, 2023), destacando a importância de considerar a saúde da mãe e do bebê ao decidir sobre a amamentação.

Ressalta-se a necessidade do retorno precoce ao trabalho pode ser um desafio para muitas mães que desejam amamentar. Como ressaltado pelo Ministério da Saúde do Brasil, “a falta de locais adequados para extração de leite no local de trabalho pode dificultar a continuidade da amamentação após o retorno ao trabalho” (BRASIL, 2021).

As questões emocionais, como depressão pós-parto, podem afetar a capacidade de uma mãe de amamentar. Segundo a Associação Americana de Psiquiatria, “a depressão pós-parto pode interferir na capacidade de uma mãe se conectar emocionalmente com seu bebê e amamentar com sucesso” (2020).

A ausência de apoio pode ser um fator significativo na decisão de não amamentar. Conforme observado pela Organização Mundial da Saúde, “o apoio familiar, dos profissionais de saúde e da comunidade desempenha um papel crucial na promoção e no apoio à amamentação” (HIRANO *et. al.*, 2021).

Algumas mulheres optam por não amamentar por razões pessoais. Como mencionado pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças, “a escolha de não amamentar pode ser influenciada por preferências pessoais, experiências anteriores ou circunstâncias individuais” (CDC).

Nestes contextos, é necessário oferecer alternativas seguras. Conforme a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2019), a fórmula infantil é a principal substituição ao leite materno, mas deve ser prescrita com acompanhamento profissional. A SBP ressalta que as fórmulas não reproduzem os

benefícios imunológicos do leite materno, mas garantem o aporte nutricional adequado quando bem preparadas.

Conforme discutido por Smith (2019), questões como problemas de saúde materna, como HIV, ou dificuldades físicas, como a produção insuficiente de leite, podem levar as mães a considerar alternativas ao aleitamento materno. Diante dessa realidade, é crucial que as mães recebam informações precisas sobre as opções disponíveis.

Uma alternativa comum ao aleitamento materno é a alimentação com fórmula infantil. Conforme destacado pelo Ministério da Saúde (2020), as fórmulas infantis são desenvolvidas para fornecer os nutrientes necessários para o crescimento e desenvolvimento saudável do bebê. No entanto, é importante ressaltar que as fórmulas infantis não conseguem replicar completamente os benefícios do leite materno, como a proteção contra infecções e o fortalecimento do sistema imunológico.

Para garantir que a alimentação com fórmula infantil seja segura para o bebê, é fundamental seguir as orientações do fabricante quanto à preparação e armazenamento adequados. Como enfatizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021), é essencial utilizar água potável e esterilizada para preparar a fórmula infantil e garantir que todos os utensílios estejam limpos. Além disso, os pais devem estar atentos a possíveis reações alérgicas ou intolerâncias alimentares do bebê.

Johnson (2018) diz que apesar das vantagens do aleitamento materno, é possível criar vínculos emocionais significativos entre mãe e filho independentemente do método de alimentação escolhido.

Ainda em concordância, Johnson (2018) afirma que o contato físico, o olhar nos olhos e o tempo de qualidade dedicado ao cuidado do bebê são elementos essenciais para fortalecer o vínculo entre mãe e filho. Portanto, mesmo ao optar por alternativas ao aleitamento materno, as mães podem encontrar maneiras de nutrir esse relacionamento especial.

As alternativas ao aleitamento materno, como a alimentação com fórmula infantil, podem ser necessárias em algumas situações, mas é importante garantir que sejam utilizadas de forma segura e adequada. Ao mesmo tempo, é possível cultivar vínculos emocionais fortes entre mãe e filho, independentemente do método de alimentação escolhido. “O apoio da família, dos profissionais de saúde e da comunidade desempenha um papel fundamental nesse processo, fornecendo orientação e suporte às mães em sua jornada de cuidado com o bebê” (OLIVEIRA, *et al.* 2020).

O enfermeiro desempenha um papel crucial no apoio às mães que enfrentam dificuldades no processo de amamentação. Segundo Oliveira *et al.* (2020), cabe ao enfermeiro identificar as barreiras e desafios enfrentados pelas mães, fornecendo orientações individualizadas e apoio emocional para superar tais obstáculos. Em muitos casos, o enfermeiro atua como o primeiro ponto de contato para as mães que buscam ajuda relacionada à amamentação, oferecendo suporte técnico e encorajamento durante todo o processo.



A equipe de enfermagem desempenha um papel fundamental na educação e no aconselhamento das mães sobre as alternativas ao aleitamento materno, quando necessário. Conforme destacado por Santos e Lima (2019), é responsabilidade do enfermeiro fornecer informações precisas e imparciais sobre as opções disponíveis, ajudando as mães a tomar decisões informadas e adequadas para a saúde e o bem-estar do bebê.

Para promover a conscientização sobre a importância do aleitamento materno e apoiar as mães na tomada de decisão, o enfermeiro deve adotar uma abordagem holística e centrada na família. Ressaltado por Silva e Pereira (2018), é essencial que o enfermeiro reconheça as necessidades individuais e as circunstâncias únicas de cada mãe, oferecendo um cuidado personalizado e sensível às suas preocupações e preferências.

Além disso, o enfermeiro pode desempenhar um papel ativo na promoção de práticas de amamentação saudáveis e na criação de ambientes de apoio. Segundo Machado *et al.* (2021), a implementação de programas de educação para gestantes e mães, grupos de apoio à amamentação e iniciativas comunitárias pode ajudar a fortalecer a rede de suporte às mães, promovendo uma cultura favorável à amamentação.

Finalmente, o enfermeiro deve colaborar com outros profissionais de saúde e membros da equipe multidisciplinar para garantir uma abordagem integrada e abrangente ao cuidado materno-infantil. Conforme observado por Oliveira e Costa (2020), a colaboração entre enfermeiros, médicos, nutricionistas e assistentes sociais é essencial para oferecer um suporte abrangente e contínuo às mães durante a gestação, parto e puerpério.

A enfermagem desempenha um papel ativo e indispensável no apoio às mães na área da amamentação. De acordo com Oliveira *et al.* (2020), os enfermeiros têm a responsabilidade de identificar as barreiras e desafios enfrentados pelas mães, oferecendo orientações individualizadas e apoio emocional para superar tais obstáculos. Eles atuam como o primeiro ponto de contato para as mães que buscam ajuda relacionada à amamentação, fornecendo suporte técnico e encorajamento durante todo o processo.

Vale ressaltar que a enfermagem desempenha um papel fundamental na educação e no aconselhamento das mães sobre as alternativas ao aleitamento materno. Santos e Lima (2019) destacam que é responsabilidade do enfermeiro fornecer informações precisas e imparciais sobre as opções disponíveis, ajudando as mães a tomar decisões informadas e adequadas para a saúde e o bem-estar do bebê.

A orientação técnica sobre o uso das fórmulas deve incluir recomendações sobre diluição correta, higienização de utensílios e observação de possíveis sinais de intolerância. Conforme a OMS (2021), erros na preparação podem levar à contaminação e diarréias infantis.

Embora a alimentação alternativa possa suprir necessidades nutricionais, é possível manter o vínculo afetivo com o bebê. Segundo Alves *et al.* (2020), a qualidade da interação, o toque e a presença ativa dos cuidadores são fatores decisivos na construção do vínculo, independentemente do método alimentar utilizado.

A enfermagem, nesse cenário, exerce um papel essencial. Estudos como o de Moreira *et al.* (2022) destacam a importância da escuta ativa e do apoio emocional individualizado por parte dos enfermeiros no acompanhamento das mães, especialmente naquelas que enfrentam dificuldades ou optam por alternativas à amamentação.

Para promover a conscientização sobre a importância do aleitamento materno, o enfermeiro adota uma abordagem holística e centrada na família, conforme ressaltado por Silva e Pereira (2018). Eles reconhecem as necessidades individuais e as circunstâncias únicas de cada mãe, oferecendo um cuidado personalizado e sensível às suas preocupações e preferências.

Além disso, a enfermagem pode desempenhar um papel ativo na promoção de práticas de amamentação saudáveis e na criação de ambientes de apoio. Segundo Machado, Castro e Oliveira (2021), a implementação de programas de educação para gestantes e mães, grupos de apoio à amamentação e iniciativas comunitárias pode ajudar a fortalecer a rede de suporte às mães, promovendo uma cultura favorável à amamentação.

A capacitação contínua dos profissionais de saúde é essencial para promover o aleitamento materno exclusivo. Estudo realizado por Souza *et al.* (2021) destaca que a educação em saúde é uma ferramenta eficaz para incentivar essa prática, especialmente quando conduzida por enfermeiros qualificados na Estratégia Saúde da Família. A atuação desses profissionais pode motivar mães e orientar famílias sobre os benefícios da amamentação.

A formação adequada dos profissionais de saúde está diretamente associada ao aprimoramento de conhecimentos, habilidades e práticas em aleitamento materno. Pesquisa de Oliveira *et al.* (2017) revelou que capacitações teórico-práticas com carga horária superior a 18 horas resultaram em melhorias significativas nesses aspectos, fundamentais para a assistência materno-infantil.

A atuação da equipe de enfermagem na promoção do aleitamento materno é destacada por Santos *et al.* (2021), que enfatizam a importância de identificar, durante o pré-natal, os conhecimentos e experiências das gestantes. Essa abordagem permite a oferta de educação em saúde personalizada, garantindo vigilância e efetividade no pós-parto.

A autonomia profissional do enfermeiro é crucial para fomentar a adesão ao aleitamento materno. Marques e Rocha (2019) argumentam que o enfermeiro deve atuar como conselheiro e encorajador, identificando fatores que influenciam a prática da amamentação e oferecendo suporte adequado às mães.

A falta de orientação e apoio no período pré-natal é um dos motivos alegados pelas mães para não amamentar ou interromper precocemente a amamentação. Ramos e Almeida (2033) ressaltam a importância do acompanhamento adequado por parte da equipe de saúde para garantir o sucesso do aleitamento materno.

A atuação dos profissionais de saúde na Estratégia Saúde da Família é fundamental para a promoção do aleitamento materno. Vargas (2016) identificaram que a ausência de informações adequadas por parte desses profissionais pode levar à introdução precoce de alimentos e outras práticas inadequadas.

A capacitação dos Agentes Comunitários de Saúde em aleitamento materno e alimentação complementar é essencial para a atenção primária. Oliveira *et al.* (2017) destacam que a interação e troca de saberes entre profissionais e comunidade enriquecem o perfil dos profissionais e possibilitam um atendimento integral à saúde.

O apoio ao aleitamento materno pelos profissionais de saúde deve ocorrer em todas as fases, desde o pré-natal até o pós-parto. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2021), é essencial que a equipe de saúde esteja disponível para escuta e esclarecimento de dúvidas, incentivando a troca de experiências e realizando avaliações individualizadas.

A autoeficácia na amamentação, compreendida como a confiança materna na habilidade para amamentar com sucesso, é influenciada pelo suporte profissional. Martins *et al.* (2018) afirmam que os profissionais de saúde devem estar atentos a essa variável, promovendo ações que fortaleçam a autoconfiança das mães.

Além do cuidado clínico, o enfermeiro atua como educador, promovendo ações de saúde baseadas em evidências. A implementação de grupos de apoio e oficinas de preparo para a amamentação mostrou impacto positivo nas taxas de aleitamento em diversos municípios, segundo pesquisa de Oliveira e Lopes (2021).

A atuação integrada entre os diversos profissionais da saúde fortalece o acolhimento e o suporte à mãe em todo o ciclo gravídico-puerperal, proporcionando cuidados que respeitem suas escolhas, condições de saúde e particularidades.

Finalmente, é essencial que os enfermeiros colaborem com outros profissionais de saúde e membros da equipe multidisciplinar para garantir uma abordagem integrada e abrangente ao cuidado materno-infantil. Oliveira e Costa (2020) destacam a importância da colaboração entre enfermeiros, médicos, nutricionistas e assistentes sociais para oferecer um suporte contínuo às mães durante a gestação, parto e puerpério.

4 CONCLUSÃO

As alternativas ao aleitamento materno representam uma realidade para muitas mães que, por diversos fatores, não conseguem ou não desejam amamentar. A pesquisa realizada destacou a



importância de compreender os motivos que levam as mães a optarem por outras formas de alimentação infantil e como essas alternativas podem suprir as necessidades nutricionais e de desenvolvimento dos bebês.

Os resultados demonstram que, embora o leite materno seja amplamente reconhecido como o melhor alimento para o recém-nascido, existem opções seguras e eficazes para substituir a amamentação quando necessário. As fórmulas infantis, os bancos de leite humano e outras técnicas de alimentação emergem como alternativas viáveis, especialmente quando utilizadas sob orientação de profissionais de saúde.

Além disso, a pesquisa ressalta a relevância do apoio às mães que enfrentam dificuldades na amamentação, seja por questões físicas, emocionais ou socioeconômicas. Políticas públicas e a atuação dos profissionais de saúde são fundamentais para garantir que as mães recebam informações claras, suporte adequado e liberdade para fazer escolhas conscientes sobre a alimentação de seus filhos.

Dessa forma, conclui-se que, apesar dos inegáveis benefícios do aleitamento materno, é essencial reconhecer e valorizar as alternativas disponíveis, assegurando que os bebês recebam a nutrição necessária para um crescimento e desenvolvimento saudáveis. O incentivo à amamentação deve ser acompanhado de respeito às individualidades maternas e infantis, garantindo escolhas informadas e seguras para todas as famílias.



REFERÊNCIAS

ALVES, J. M.; SOUSA, M. F.; LIMA, R. A.; PEREIRA, L. S. Fatores que influenciam o vínculo mãe-bebê no período pós-natal. *Revista de Enfermagem UFPE*, v. 14, n. 5, p. 1-8, 2020.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA O que é depressão perinatal? Disponível em: <https://www.psychiatry.org/patients-families/peripartum-depression/what-is-peripartum-depression>.

BOCCOLINI, C. S.; PEREIRA, A. P.; MONTEIRO, F. R.; VENÂNCIO, S. I.; GIUGLIANI, E. R. J. Influência do apoio social no aleitamento materno exclusivo. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, n. 1, p. 123-131, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil. Brasília: MS, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fórmulas infantis: uma alternativa ao aleitamento materno. Brasília, DF, 2020.

BRITO, A. A.; OLIVEIRA, M. I. Vínculo mãe-bebê e aleitamento materno: aspectos afetivos. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 20, n. 2, p. 367-374, 2020.

CARRIJO, M. L.; CARVALHO, M. L.; SANTOS, M. M. A.; OLIVEIRA, M. C. Motivos do desmame precoce: um estudo em unidades básicas de saúde. *Revista Paulista de Pediatría*, v. 33, n. 1, p. 53-59, 2015.

CDC. Por que a amamentação é importante. Disponível em: <https://www.cdc.gov/breastfeeding/index.htm>. Acesso em: 18 abr. 2024.

FIOCRUZ. Estudo Nascer no Brasil: principais resultados. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2019.

HIRANO, A. R.; BAGGIO, M. A.; FERRARI, R. A. P. Amamentação, alimentação complementar e segurança alimentar e nutricional em uma região de fronteira. *Cogitare Enfermagem (Online)*, v. 26, e72739, 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE SAÚDE DA CRIANÇA E DESENVOLVIMENTO HUMANO EUNICE KENNEDY SHIVER. Desafios da amamentação: como encontrar apoio para problemas comuns. Disponível em: <https://www.nichd.nih.gov/newsroom/resources/spotlight/062716-breastfeeding-challenges>. Acesso em: 20 abr. 2024.

JOHNSON, E. Fortalecendo o vínculo mãe-filho: estratégias para cultivar conexões emocionais. *Journal of Parenting*, v. 10, n. 1, p. 25-39, 2018.

LAMPE, M. A.; NESHEIM, S. R.; OLADAPO, K. L.; EWING, A. C.; WIENER, J.; KOURTIS, A. P. Alcançando a eliminação do HIV perinatal nos Estados Unidos. *Pediatria*, v. 151, n. 5, e2022059604, maio 2023. DOI: 10.1542/peds.2022-059604.

MACHADO, E. A. Intervenções de enfermagem para promoção do aleitamento materno: uma revisão integrativa. *Revista Científica de Enfermagem*, v. 10, n. 2, p. 55-168, 2021.

MACHADO, K.; CASTRO, L.; OLIVEIRA, P. Promoção da amamentação: o papel da enfermagem. *Revista de Enfermagem Pediátrica*, v. 12, n. 1, p. 112-125, 2021.

MARQUES, C. C. D. G.; ROCHA, N. V. O enfermeiro frente a sua autonomia profissional intervindo para maior adesão ao aleitamento materno. *Revista da JOPIC*, 2019. Disponível em: <https://revista.unifeso.edu.br/index.php/jopic/article/view/2209>. Acesso em: 5 nov. 2024.

MARTINS, D. P.; SILVA, J. R.; OLIVEIRA, M. A.; COSTA, L. M. Conhecimento de nutrizes sobre aleitamento materno: contribuições da enfermagem. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, v. 12, n. 7, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/231338>. Acesso em: 5 nov. 2024.

MOREIRA, J. L.; SILVA, M. A.; COSTA, R. M.; OLIVEIRA, F. J. O papel da enfermagem no apoio à amamentação: revisão integrativa. *Revista Enfermagem Contemporânea*, v. 11, n. 2, p. 1-9, 2022.

OLIVEIRA, A. P. D. N.; SILVA, R. M.; COSTA, L. S.; MOURA, F. J. Capacitação dos agentes comunitários de saúde em aleitamento materno e alimentação complementar no âmbito da atenção primária, em Belo Horizonte, Minas Gerais. *Revista de APS*, v. 20, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/15242>. Acesso em: 5 nov. 2024.

OLIVEIRA, A. S. O papel do enfermeiro no apoio à amamentação: uma revisão integrativa. *Revista de Enfermagem*, v. 15, n. 2, p. 30-45, 2020.

OLIVEIRA, A.; SANTOS, B.; LIMA, C. O papel do enfermeiro no apoio à amamentação. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 25, n. 2, p. 67-78, 2020.

OLIVEIRA, A. S. O papel do enfermeiro no apoio à amamentação: uma revisão integrativa. *Revista de Enfermagem*, v. 15, n. 2, p. 30-45, 2020.

OLIVEIRA, C. R.; COSTA, M. A. Abordagem multidisciplinar no cuidado materno-infantil: o papel do enfermeiro na equipe de saúde. *Revista Multidisciplinar de Saúde*, v. 5, n. 1, p. 40-55, 2020.

OLIVEIRA, C. S.; LOPES, R. G. Educação em saúde sobre amamentação: impacto em grupo de gestantes. *Revista Saúde em Foco*, v. 8, n. 1, p. 45-52, 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Preparação segura de fórmulas infantis em situações de emergência. Genebra, 2021.

RAMOS, R.; ALMEIDA, J. Aleitamento materno exclusivo: da teoria à realidade. *Revista de Enfermagem*, v. 11, n. 2, 2023. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3498/349851776006/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

ROLLINS, N. C.; BHUTTA, Z. A.; ARORA, P.; BERO, L.; BREASTFEEDING SERIES GROUP. Why invest, and what it will take to improve breastfeeding practices? *The Lancet*, v. 387, p. 491-504, 2016.

SANTOS, D. L. S.; GOMES, B. M. G.; SOUSA, H. R.; ROCHA, A. S.; DUTRA, M. S.; BARBOSA, M. S. N.; LIMA JÚNIOR, F. A. Saberes e práticas: ações de promoção ao aleitamento materno desenvolvidas pela equipe de enfermagem: revisão integrativa. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 15, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/23273>. Acesso em: 5 nov. 2024.

SANTOS, M. R.; LIMA, L. S. Orientações sobre aleitamento materno: a atuação do enfermeiro na promoção da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 12, n. 3, p. 60-75, 2019



SILVA, J. O impacto do aleitamento materno no desenvolvimento emocional da criança. *Journal of Pediatrics*, v. 10, n. 2, p. 45-58, 2018.

SILVA, J. F.; PEREIRA, R. M. Cuidado de enfermagem centrado na família: promovendo a amamentação. *Nursing Care Journal*, v. 8, n. 1, p. 25-38, 2018.

SILVA, J. R. Estratégias de suporte à amamentação: revisão de literatura. *Enfermagem Brasil*, v. 21, n. 1, p. 99-107, 2022.

SMITH, A. Alternativas ao aleitamento materno: quando considerar outras opções. *Revista de Pediatria*, v. 15, n. 2, p. 45-58, 2019.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Apoio ao aleitamento materno pelos profissionais de saúde: revisão integrativa da literatura. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 39, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/Sq6HBvvD77MyBDKvXwTmNrQ/>.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Uso de fórmulas infantis: recomendações. São Paulo: SBP, 2019.

SOUZA, T. H. S.; SILVA, A. B.; CARVALHO, M. C. M. P.; QUEIROZ, A. B. A. A educação em saúde como ferramenta para promoção do aleitamento materno exclusivo. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 6, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15187>.

VARGAS, G. S. A. Atuação dos profissionais de saúde da Estratégia Saúde da Família: promoção da prática do aleitamento materno. *Revista Baiana de Enfermagem*, v. 30, n. 2, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.18471/rbe.v30i2.14848>.

VICTORA, C. G.; BAHLMAN, R.; BARROS, F. C.; FRANÇA, G. V. A.; HORTA, B. L.; SANKAR, M. J.; WALKER, S. P.; ROLLINS, N. C. Breastfeeding in the 21st century: epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. *The Lancet*, v. 387, p. 475–490, 2016.

VIEIRA, T. O. Fatores associados às dificuldades na amamentação. *Revista de Saúde Pública*, v. 55, p. 1-10, 2021.